



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 31/03 - 04/04



Tailor Made

 Tereos

Macroeconomia

A guerra comercial desencadeada por Donald Trump continua a ser um dos principais fatores que estão movimentando os mercados financeiros globais. Desde a promessa de aumento das tarifas recíprocas, a incerteza gerada tem levado investidores a adotar uma postura mais cautelosa, com temores sobre os impactos dessas medidas na economia global, como inflação elevada e uma possível recessão econômica.

No exterior, a principal preocupação recai sobre as tarifas que os EUA devem impor a outros países, com uma expectativa crescente de que mais de 180 países sejam afetados. A Ásia, Oriente Médio e Europa são algumas das regiões que mais sentirão o impacto das novas tarifas, que podem superar 40% em certos casos. A União Europeia, em particular, tem sido um alvo constante das ameaças tarifárias de Trump. A chefe do Banco Central Europeu (BCE), Christine Lagarde, alertou para as consequências negativas que uma guerra comercial pode ter para o crescimento econômico europeu, com uma possível desaceleração de 0,5 ponto percentual caso as contramedidas sejam aplicadas.

A incerteza sobre o impacto dessas tarifas tem levado os investidores a priorizar ativos mais seguros, como o dólar, o que tem gerado uma queda nas bolsas de valores ao redor do mundo. As principais bolsas asiáticas, europeias e norte-americanas experimentaram perdas significativas, com destaque para o recuo de quase 4% nos índices dos EUA, como o Dow Jones e o S&P 500. As perspectivas econômicas globais têm sido ainda mais complicadas com a reação da China, que anunciou tarifas retaliatórias sobre produtos dos EUA e restrições à exportação de terras raras, materiais essenciais para a produção de tecnologia avançada.

No Brasil, a situação é um pouco diferente. Embora o país esteja incluído no leque de países afetados pelas tarifas dos EUA, o impacto direto sobre o mercado local tem sido relativamente menor. O Senado brasileiro aprovou recentemente um projeto que autoriza o governo a retaliar países que impõem barreiras comerciais aos produtos brasileiros, o que indica que o Brasil pode buscar contramedidas. Além disso, as tarifas aplicadas aos produtos brasileiros têm sido mais baixas, com um teto de 10%, o que ajuda a mitigar os efeitos mais severos do "tarifaço" nos mercados locais. O Ibovespa, por exemplo, tem demonstrado um desempenho mais estável, sustentando a marca de 131 mil pontos, mesmo com o turbilhão nas bolsas globais.

Entretanto, o Brasil também se preocupa com os efeitos indiretos de uma desaceleração econômica global. O aumento de custos decorrente das tarifas e a possibilidade de uma recessão mundial podem afetar a demanda por produtos brasileiros, principalmente no setor exportador. Além disso, o impacto da guerra comercial no preço das commodities, como soja, minério de ferro e petróleo, pode afetar as receitas do Brasil, já que a economia depende fortemente das exportações.

A postura agressiva de Trump, que busca "libertar" os EUA de produtos estrangeiros, pode resultar em uma guerra comercial global, com consequências econômicas imprevisíveis para todos os países envolvidos. O movimento de Trump, ao chamar as tarifas de "Dia da Libertação", visa forçar outros países a transferirem suas fábricas para os EUA como forma de evitar as taxas, mas a resposta internacional tem sido de resistência, com autoridades de países como Alemanha, França e Reino Unido criticando as medidas e alertando para os danos que elas podem causar à economia mundial.

Mercado Sucroenergético

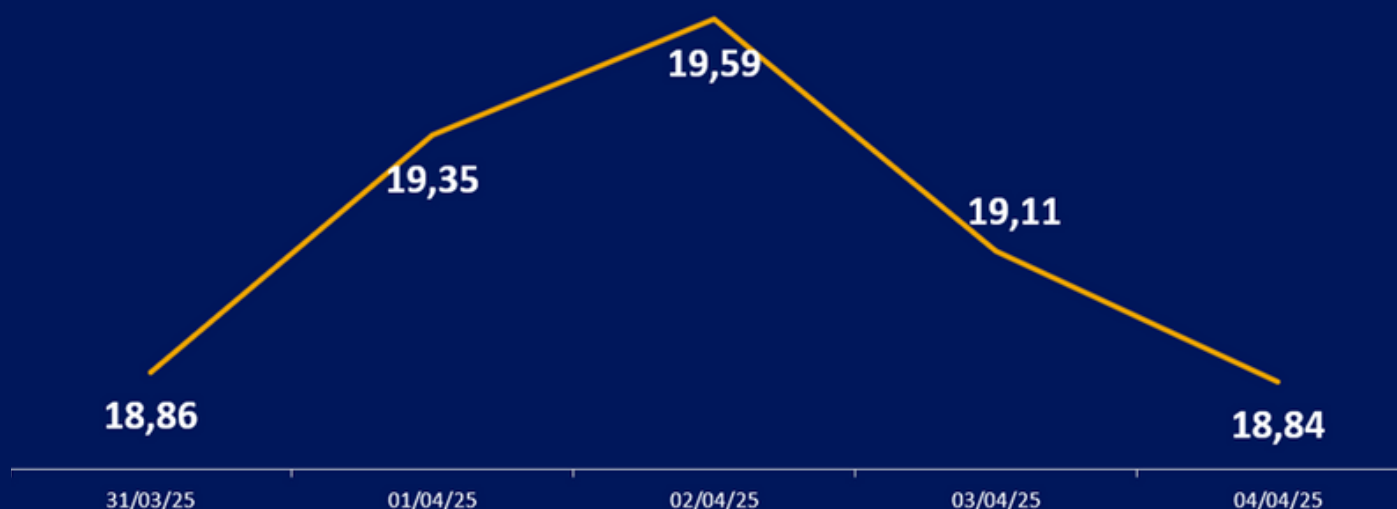
A semana no mercado de açúcar foi marcada por intensa volatilidade, com os contratos futuros em Nova York (NY#11) oscilando fortemente diante de fundamentos conflitantes e da crescente influência do ambiente macroeconômico. O início da semana frustrou os compradores mais otimistas, com o contrato Maio/25 novamente falhando em se manter acima dos 19,00 c/lb, refletindo uma forte presença vendedora, sobretudo dos agentes comerciais, conforme sinalizou o último relatório do CFTC. Mesmo com fundamentos altistas vindos do hemisfério Norte, como a quebra produtiva na Índia, o mercado demonstrou que já absorveu boa parte das expectativas negativas para a região. A produção indiana atingiu 24,76 milhões de toneladas até o fim de março, com as principais regiões produtoras, Maharashtra e Karnataka, encerrando suas atividades. A ISMA projeta uma produção total de 26,4 mmt, número contestado por parte dos participantes do mercado, dada a queda significativa no número de usinas ainda ativas em comparação a anos anteriores.

Nos dias seguintes, o mercado reagiu com força, acumulando quase 100 pontos de alta em dois dias, impulsionado tanto pelas dúvidas quanto à estimativa da ISMA quanto pela deterioração climática no Centro-Sul do Brasil. Previsões apontando para temperaturas acima da média e chuvas escassas entre abril e junho elevaram os temores quanto à qualidade da cana, o que poderia impactar o mix açucareiro e dificultar a cristalização do açúcar. Além disso, há projeções iniciais indicando que o El Niño pode se estender até o final do ano, com possíveis efeitos sobre o regime de chuvas no país, reforçando os riscos para a safra 2025/26.

Apesar dessas preocupações, as estimativas continuam apontando para uma produção robusta de açúcar, em torno de 41 milhões de toneladas, com a principal variável de incerteza sendo a qualidade da matéria-prima, e não necessariamente o volume.

A partir da quinta-feira, no entanto, o mercado voltou a devolver parte dos ganhos recentes, com uma queda acentuada de 48 pontos. Essa correção refletiu não apenas o alívio parcial nas preocupações com a Índia, mas também a ausência de suporte nos prêmios físicos e nos spreads de NY, que se mantiveram fracos, indicando uma demanda ainda confortável e sem urgência no mercado spot. Além disso, fatores macroeconômicos contribuíram para o movimento de baixa, em especial o aumento das tensões comerciais com o anúncio de tarifas por Donald Trump, que provocou um movimento global de aversão ao risco (risk-off), valorizando o dólar e pressionando o petróleo, o que acabou impactando negativamente o complexo de energia e, por consequência, o açúcar.

Diante desse cenário, o mercado de açúcar segue sensível a qualquer nova informação relevante, principalmente sobre a evolução da safra no Brasil e sobre o comportamento da demanda. A expectativa para os próximos dias é de continuidade na lateralização dos preços, com suporte entre 19,00 e 20,00 c/lb, enquanto não houver uma definição mais clara sobre os fundamentos produtivos do Centro-Sul e a real extensão das perdas no Hemisfério Norte. Em meio a tantas variáveis, a única certeza que permanece é a necessidade de atenção redobrada à gestão de risco.



Clima & Tempo

Março terminou com chuvas significativamente abaixo da média na maior parte do Centro-Sul, com apenas algumas áreas do Mato Grosso recebendo chuvas médias, levando o balanço hídrico e a umidade do solo a níveis severos. As regiões de São Paulo e Mato Grosso do Sul enfrentam as condições mais críticas no momento e podem ter dificuldade para recuperar níveis razoáveis. Nos primeiros dias de abril, observamos chuvas médias na maior parte da região CS, mas os modelos de previsão mostram cenários ligeiramente divergentes para os próximos 14 dias. O modelo europeu de previsão prevê chuvas consideravelmente abaixo da média nas próximas duas semanas em todo o CS, especialmente nas áreas do sul. Se esse cenário se concretizar, a umidade do solo continuaria em níveis severos e a qualidade da cana seria ainda mais impactada. O modelo americano de previsão prevê chuvas acima da média em GO e MT, mas São Paulo deve continuar com chuvas abaixo. Essa situação ainda não seria suficiente para recuperar totalmente a umidade do solo na região, mas poderia ajudar a melhorar o desenvolvimento da cana em algumas áreas. As temperaturas médias devem permanecer dentro da média para o período nos próximos 15 dias, mas abaixo dos níveis do ano passado.

Este documento foi preparado pela Tereos (a "Companhia") com o único objetivo de atualização semanal dos fundamentos do Mercado de Açúcar. Este documento contém certas declarações que são prospectivas. Essas declarações se referem, em particular, às previsões da Companhia, sua expansão de operações, projeções, eventos futuros, tendências ou objetivos que estão naturalmente sujeitos a riscos e contingências que podem levar a resultados reais que diferem materialmente daqueles explicitamente ou implicitamente incluídos nessas declarações. A Companhia, assim como suas afiliadas, diretores, consultores, funcionários e representantes, se eximem expressamente de qualquer responsabilidade por tais declarações prospectivas. A Companhia não se compromete a atualizar ou revisar as declarações prospectivas que podem ser apresentadas neste documento para refletir novas informações, eventos futuros ou por qualquer outro motivo, e qualquer opinião expressa nesta apresentação está sujeita a alterações sem aviso prévio. Este documento não constitui, ou faz parte de uma oferta ou convite para vender ou comprar, ou qualquer solicitação de qualquer oferta para comprar ou subscrever quaisquer valores da Companhia em qualquer jurisdição. Este documento não deve constituir a base de, ou de que depende, em relação a qualquer contrato ou compromisso. Observe que todas as porcentagens incluídas na apresentação a seguir podem ser calculadas em números não arredondados e, portanto, podem variar das porcentagens calculadas em números arredondados.